

«A QUARESMA volta a ser um ‘tempo festivo’ que nos conduz à PÁSCOA; é reconhecida, novamente, como ‘sacramento’ que nos introduz ao mistério histórico, escatológico e eclesial do ‘*transitus*’ - ‘páscoa’ e ‘passagem’ - de Cristo e da Igreja. O seu destino - ou seja, uma Páscoa que é cruz e sepulcro vazio - exige uma releitura profunda do ‘rezar’, do ‘fazer penitência’ e do ‘jejuar’.»

Andrea Grillo



iniciação à Páscoa: meditações para a Quaresma

O artigo é a introdução ao pequeno livro recém-publicado por Grillo, *Iniziati alla Pasqua: Meditazioni per la Quaresima* [Iniciação à Páscoa: Meditações para a Quaresma] (Ed. Queriniana). O texto foi publicado no seu blog *Come Se Non*, 25-02-2017.

RECUPERAR A QUARESMA COMO INICIAÇÃO FESTIVA AO MISTÉRIO DA PÁScoa é um “grande empreendimento”, que nós, cristãos católico-romanos, que pertencemos à segunda geração posterior ao Concílio Vaticano II, temos o privilégio de ter recebido daquele grande Concílio como uma das chaves de acesso à nossa tradição eclesial e espiritual.

Colocar, de novo, em movimento o mecanismo simbólico de um caminho festivo de antecipação, de preparação e, sobretudo, de iniciação à Páscoa exige, da nossa parte, o esclarecimento de algumas evidências iniciais, a partir das quais eu gostaria de começar esta meditação sobre o “sacramento da Quaresma”.

Quaresma é uma palavra cheia de tempo. Ela indica, como se sabe, um período de quarenta dias. Tempo de tentação, tempo de prova, mas também tempo de desafio, tempo de coragem e de ousadia, bem como tempo de paciência e de mansidão. Quaresma quer dizer, acima de tudo, o primado do tempo sobre o espaço. Por isso, ela precisa de “procedimentos temporais de caminho”, não de “formas espaciais de posse”.

E aqui se apresenta o primeiro desafio. É um desafio lançado pelo Concílio Vaticano II e preparado pela grande teologia do século XX, para que todos possamos voltar à “sã tradição”. Pois a tradição não é uma garantia só pelo facto de existir. A tradição deve ser acolhida, compreendida, relida e remotivada. Só assim ela poderá continuar sã e tornar-se ainda eficaz.

O que diz, hoje, a “tradição quaresmal”? Ela fala quase a despeito de si mesma, muitas vezes fala até contra si mesma. Vemos isso muito bem quando escutamos, sem preconceitos, a voz da linguagem comum, que nunca mente. A linguagem comum, de facto, usa o termo “quaresma” em sentido decisivamente negativo, como sinónimo de “falta de alegria”, de “tédio”, de “depressão”, de “tristeza”. Aqui, evidentemente, não é, apenas, culpa “dos outros”. É evidente que os fenómenos que afetam a língua são sempre muito complexos. Têm a sua origem numa “tradição eclesial” que entrou em crise há pelo menos dois séculos. Esta crise foi desencadeada pelo facto de se terem perdido algumas evidências fundamentais do “tempo da Quaresma” – como, aliás, de todos os outros “tempos”.

Ficando desprovida da força simbólica da grande tradição, a pequena tradição recente – um pouco aburguesada e muito rígida – reduziu a Quaresma às “práticas devotas dumas pessoas piedosas”. Perante esta evolução, que só pode ser contornada com grande dificuldade, e que criou modelos pessoais de

identidade, estilos individuais e eclesiais de oração, formas compartilhadas de penitência, podemos, hoje, meditar, recorrendo a novos instrumentos de análise e de intervenção.

Estes são propostos – e diria, mesmo, impostos – pelo grande período eclesial em que a tradição foi sujeita à prova do “*ressourcement*” [refontalização] e do “*aggiornamento*” [atualização]. Trata-se de palavras “técnicas” que poderíamos traduzir deste modo: para a Igreja, e ainda mais para o testemunho do Evangelho e do discipulado de Cristo, um duplo movimento é decisivo: por um lado, é preciso voltar às fontes, mas, por outro, é-nos pedido que voltemos a ser fontes. Como é evidente, este duplo processo constitui um ir e vir, diz respeito a objetos e a sujeitos, põe em jogo “saberes” e investe “práticas”.

Uma meditação sobre a Quaresma, acima de tudo, deve ter muito claro o seguinte: a Quaresma não é um célebre “museu da tradição penitencial” – embora tenha a ver com textos e gestos muito antigos e de grande autoridade –, mas também não é uma organização de “coisas para fazer” – embora se deva deixar guiar por práticas vivas, sinceras e eficazes.

A Quaresma foi, deste modo, investida dum novo interesse: não só para se descobrir o que ela foi antigamente, mas também para despoletar a possibilidade de ela poder ser novamente significativa, justamente para as gerações de hoje e de amanhã. Isto é, para que possa responder a uma necessidade profunda do homem e da mulher crente, de “deixar-se iniciar à Páscoa”, todos os anos, num percurso de seis semanas, da Quarta-Feira de Cinzas até à Semana Santa.

Por outro lado, a Quaresma, orientada como está para a iniciação ao mistério pascal, assume todo o seu significado de um grande aprofundamento que ocorreu no último século em torno do mistério pascal. Deixamo-nos embalar, novamente, no coração da nossa fé, no mistério da paixão, morte e ressurreição do Senhor Jesus, evento a partir do qual reconhecemos, de modo cada vez mais límpido, que “participamos na celebração”. Este ponto é absolutamente central. Meditar nos mistérios de Cristo exige tomar parte na ação da sua celebração. Esta consciência da necessária “participação ativa no mistério pascal” – amadurecida ao longo do século XX, e que se tornou palavra oficial com a constituição conciliar *Sacrosanctum concilium* – restitui não só à ação litúrgica pascal toda a sua força original, como também reabilita a Quaresma enquanto prática de iniciação a essa mesma ação.

A Quaresma volta a ser um ‘tempo festivo’ que nos conduz à Páscoa; é reconhecida, novamente, como ‘sacramento’ que nos introduz ao mistério histórico, escatológico e eclesial do ‘*transitus*’ – ‘páscoa’ e ‘passagem’ – de Cristo e da Igreja. O seu destino – ou seja, uma Páscoa que é cruz e sepulcro vazio – exige uma releitura profunda do ‘rezar’, do ‘fazer penitência’ e do ‘jejuar’.

Poderíamos dizer que a “figura devota” da Quaresma – profundamente ligada a

uma percepção, exclusivamente, individual das “penitências”, da “oração” e do “jejum” – começou a transformar-se numa “celebração do sacramento da Quaresma”, em que as próprias “formas de devoção” se deixam iluminar pela escuta da Palavra e pela celebração *per ritus et preces*.

As seqüências da liturgia da Palavra e da celebração eucarística, na periodicidade dominical, desaguam no Tríduo e, depois, nos cinquenta dias do tempo pascal, até ao Pentecostes. O caminho dos neófitos e a renovação da consciência eclesial progridem, paralelamente, na forma corpórea do mistério de Deus, que entra na história humana e a transforma. A Quaresma é, novamente, possível como itinerário sacramental da iniciação ao mistério: pelo nosso acolhimento como discípulos e por um discipulado acolhedor.

Tentaremos, então, adquirir essa nova condição com uma série de meditações, autónomas entre si, mas duplamente ligadas umas às outras, no seio no mesmo projeto. Restituir uma dignidade simbólica e ritual ao “processo quaresmal”, ao “tempo da Quaresma”. A nossa meditação cobrirá e atravessará muitas e diversas “regiões” da sensibilidade eclesial em torno da Quaresma. Falaremos da sua tradição e do duplo desafio que ela sabe lançar à práxis eclesial; da tarefa de iniciar à Páscoa no tempo; dos sujeitos envolvidos nos quarenta dias de caminho, que são Cristo e a Igreja; das novas riquezas da liturgia da Palavra e das redescobertas das práticas rituais. Até chegar ao “núcleo” que liga as “palavras antigas” às “novas evidências”.

Como já disse, aqui se centrará o coração das nossas meditações: as “práticas penitenciais” que a tradição nos deu merecem um acurado discernimento, mas exigem, mais ainda, um radical repensamento. Recuperar a oração como um “outro falar”, a penitência como um “mudar de vida”, o jejum e a esmola como uma “relação liberta com os bens, com a liberdade, com a sexualidade”, constituem um desafio nada pequeno para se poder chegar – ou para voltar – ao mistério pascal com um tesouro de “experiência expressa” que a Quaresma nos faz descobrir. Para que a “Páscoa anual” seja “símbolo” que não só leva a pensar, mas também a “falar”, a “comunicar”, a “escutar”, a “comer”.

Por este motivo, as meditações sobre a Quaresma abrangerão, numa palavra, a “celebração da Páscoa” a que estão, estruturalmente, destinadas. Se os quarenta dias da Quaresma são “tempo imenso” de “iniciação corpórea” aos três dias do Tríduo Pascal; e se, por sua vez, o Tríduo é a grande porta que introduz às “sete semanas” do Tempo Pascal, então é evidente que uma luz nada fraca se acende sobre a Quaresma, embora por reflexo, a partir da elucidação que soubermos fornecer, meditando, de forma breve e conclusiva, sobre o mistério da celebração da Páscoa anual em relação com a Páscoa semanal.

ANDREA GRILLO. Teólogo italiano; professor do Pontifício Ateneu Sant’Anselmo, em Roma, do Instituto Teológico Marchigiano, em Ancona, e do Instituto de Liturgia Pastoral da Abadia de Santa Giustina, em Pádua.

Quaresma, tempo de esperança



Neste dia, *Quarta-feira de Cinzas*, entramos no tempo litúrgico da **Quaresma**. E dado que estamos a desenvolver o ciclo de catequeses sobre a esperança cristã, hoje gostaria de vos apresentar a Quaresma como caminho de esperança. Com efeito, esta perspetiva é logo evidente se pensarmos que a Quaresma foi instituída na Igreja como tempo de preparação para a Páscoa, e portanto todo o sentido deste período de quarenta dias recebe a luz do mistério

pascal para o qual se orienta. Podemos imaginar o Senhor ressuscitado que nos chama a sair das nossas trevas, e nós colocamo-nos a caminho para Ele, que é a Luz.

A Quaresma é um caminho para Jesus ressuscitado, um período de penitência, bem como de mortificação, mas não é um fim em si própria, e sim dirigida a fazer-nos ressurgir com Cristo, a renovar a nossa identidade batismal, isto é, a renascer novamente «do alto», do amor de Deus. Eis porque a Quaresma é, pela sua natureza, tempo de esperança.

Para compreender melhor o que isto significa, devemos referir-mo-nos à experiência fundamental do êxodo dos israelitas do Egito, narrada pela Bíblia no livro que tem esse nome: Êxodo. O ponto de partida é a condição de escravidão do Egito, a opressão, os trabalhos forçados. Mas o Senhor não esqueceu o seu povo e a sua promessa: chama Moisés e, com braço poderoso, faz sair os israelitas do Egito e guia-os através do deserto em direção à Terra da liberdade.

Cada passo, cada esforço, cada prova, cada queda e cada retomada, tudo tem sentido apenas no interior do desígnio de salvação de Deus, que quer para o seu povo a vida e não a morte, a alegria e não a dor

Durante este caminho da escravidão à liberdade, o Senhor dá aos israelitas a lei, para o educar a amá-lo, único Senhor, e a amarem-se entre eles como irmãos. A Escritura mostra que o êxodo é longo e tormentoso: simbolicamente dura 40 anos, isto é, o tempo de vida de uma geração. Uma geração que, perante as provações do caminho, é sempre tentada a recordar com saudade o Egito e a ele regressar; também todos nós conhecemos a tentação de voltar atrás, todos. Mas o Senhor permanece fiel e aquela pobre gente, guiada por Moisés, chega à Terra prometida.

Todo este caminho é realizado na esperança: a esperança de alcançar a Terra, e precisamente neste sentido é um "êxodo", uma saída da escravidão à liberdade. E estes 40 dias são também para nós uma saída do pecado e um caminho para o Senhor. Cada passo, cada esforço, cada prova, cada queda e cada retomada, tudo tem sentido apenas no interior do desígnio de salvação de Deus, que quer para o seu povo a vida e não a morte, a alegria e não a dor.

A Páscoa de Jesus é o seu êxodo, com o qual Ele nos abriu o caminho para chegar à vida plena, eterna e feliz. Para abrir este caminho, esta passagem, Jesus deve de despojar-se da sua glória, humilhar-se, fazer-se obediente até à morte e à morte de cruz. Abrir-nos a estrada para a vida eterna custou todo o seu sangue, e graças a Ele nós fomos salvos da escravidão do pecado.

A Quaresma vive desta dinâmica: Cristo precede-nos com o seu êxodo, e nós atravessamos o deserto graças a Ele e atrás dele. Ele foi tentado por nós e venceu o Tentador por nós, mas também nós temos com Ele de enfrentar as tentações e superá-las. Ele dá-nos a água viva do seu Espírito, e a nós cabe extrair da sua fonte e beber, nos sacramentos, na oração, na oração

Mas isto não quer dizer que Ele fez tudo e nós não temos de fazer nada, que Ele passou através da cruz e nós "vamos para o paraíso de carruagem". Não quer dizer isto. Não é assim. A nossa salvação é certamente dom seu, dado que é uma história de amor, requer amor, requer o nosso "sim" e a nossa participação, como nos demonstra a nossa Mãe Maria e depois dela todos os santos.

A Quaresma vive desta dinâmica: Cristo precede-nos com o seu êxodo, e nós atravessamos o deserto graças a Ele e atrás dele. Ele foi tentado por nós e venceu o Tentador por nós, mas também nós temos com Ele de enfrentar as tentações e superá-las. Ele dá-nos a água viva do seu Espírito, e a nós cabe extrair da sua fonte e beber, nos sacramentos, na oração, na oração; Ele é a luz que vence as trevas, e a nós é pedido alimentar a pequena chama que nos foi confiada no dia do nosso Batismo.

Neste sentido, a Quaresma é «sinal sacramental da nossa conversão», quem faz a estrada da Quaresma está sempre na estrada da conversão, do nosso caminho da escravidão à liberdade, sempre a renovar. Um caminho certamente exigente, como é justo que seja, pois o amor é exigente, mas um caminho repleto de esperança. Aliás, direi mais: o êxodo quaresmal é o caminho em que a própria esperança se forma.

O esforço de atravessar o deserto - todas as provações, as tentações, as ilusões, as miragens -, tudo isto serve para forjar uma esperança forte, sólida, sobre o modelo daquela da Virgem Maria, que no meio das trevas da paixão e da morte do seu Filho continuou a acreditar e a esperar na sua ressurreição, na vitória do amor de Deus.

Com o coração aberto a este horizonte, entremos hoje na Quaresma. Sentindo-nos parte do povo santo de Deus, iniciamos hoje com alegria este caminho de esperança.

Papa Francisco (Vaticano, *audiência geral*, 1.3.2017)

DIA INTERNACIONAL DO LIVRO INFANTIL 2017



No dia 2 de abril comemora-se em todo o mundo o nascimento de **HANS CHRISTIAN ANDERSEN**. A partir de 1967, este dia passou a ser designado por ***DIA INTERNACIONAL DO LIVRO INFANTIL***, chamando-se a atenção para a importância da leitura e para o papel fundamental dos livros para a infância.

Para assinalar o **Dia Internacional do Livro**

Infantil 2017, a DGLAB [Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas] convidou o ilustrador **João Fazenda**, vencedor do Prémio Nacional de Ilustração do ano passado, para ser o autor da imagem do cartaz.

A mensagem do IBBY internacional, este ano da responsabilidade da Rússia, pode ser encontrada em <http://www.ibby.org/awards-activities/activities/international-childrens-book-day/>. Em anexo segue uma possível tradução em português do texto do escritor **SERGEY MAKHOTIN** (ler na página seguinte), bem como o cartaz do ilustrador Mikhail Fedorov, que pode ser descarregado em grande formato no link http://www.ibby.org/fileadmin/user_upload/poster_02.04.2017.pdf (em português no site Livro.DGLAB).

VAMOS CRESCER COM O LIVRO

Na minha primeira infância, gostava de construir casas com pequenas peças e toda a espécie de brinquedos. Usava muitas vezes um livro ilustrado a fazer de telhado. Nos meus sonhos, entrava na casa, deitava-me na cama feita com uma caixa de fósforos e olhava para cima, para as nuvens ou para as estrelas do céu. A escolha dependia da ilustração que preferia na altura. Por intuição, segui as regras de vida das crianças que procuram criar um ambiente seguro e confortável à sua volta. E o livro infantil ajudou-me muito a atingir este objetivo.

Depois cresci, aprendi a ler, e o livro, na minha imaginação, começou a assemelhar-se mais a uma borboleta, ou mesmo a um pássaro, do que ao telhado de uma casa. As páginas do livro pareciam asas que batiam. Era como se o livro, deitado no peitoril, quisesse sair pela janela aberta em direção ao desconhecido. Segurava-o com as mãos e começava a lê-lo, e o livro ia ficando cada vez mais calmo. Então eu próprio voava para outras terras e novos mundos, alargando o espaço da minha imaginação.

Que alegria ter na mão um novo livro! De início, nunca sabemos sobre o que é que ele fala. Resistimos à tentação de saltar para a última página. E como o livro cheira bem! É impossível distribuímos o seu cheiro pelos vários elementos que o compõem: tinta, cola... não, é impossível. Existe um cheiro particular no livro, um cheiro único e excitante. As folhas encontram-se coladas, como se o livro não tivesse ainda acordado. E ele só acorda quando começamos a lê-lo.

Continuamos a crescer, e o mundo à nossa volta torna-se mais complicado. Enfrentamos questões a que nem os adultos sabem responder. No entanto, é importante partilhar dúvidas e segredos com alguém. E aí o livro volta a ajudar-nos. Muitos de nós terão um dia pensado: este livro fala sobre mim! E a personagem favorita parece ser igual a nós. Tem problemas semelhantes, e resolve-os com dignidade. E há outra personagem que não é igual a ti, mas tu gostarias de seguir o seu exemplo, de ser tão corajoso e desembaraçado quanto ela.

Quando há rapazes e raparigas que dizem “Não gosto de ler!”, isso faz-me rir. Não acredito neles. Comem gelados, jogam jogos e veem filmes interessantes. Dito de outro modo, gostam de se divertir! É que a leitura não serve apenas para desenvolver sentimentos e personalidades, ela é, acima de tudo, um prazer. É sobretudo com essa missão que os autores de livros para a infância escrevem os seus livros.

Sergey Makhotin

(tradução de M^ª Carlos Loureiro a partir da versão inglesa de Yana Shvedova)